A Missão Cooke foi chefiada por Morris L. Cooke, engenheiro norte-americano que já havia trabalhado como perito no acordo do petróleo do México e era Presidente do Comitê de Estabilização da Construção Naval do Bureau de Produção de Guerra, ligado ao Departamento de Estado. Além de Cooke, a missão teve a participação de uma equipe de onze técnicos e especialistas norte-americanos, entre eles engenheiros, economistas, administradores e agrônomos, que vieram ao Brasil para fazer um diagnóstico e apresentar propostas que propiciassem o desenvolvimento industrial brasileiro. Uma equipe de doze brasileiros, chefiada por João Alberto Lins de Barros (presidente da recém-criada Coordenação de Mobilização Econômica) e mais onze técnicos brasileiros visitaram indústrias e instituições norte-americanas durante a estadia brasileira nos Estados Unidos (COOKE: 1947: 437).

No relatório da primeira Missão, Cooke externou o desejo de que no Brasil a indústria fosse desenvolvida rapidamente, não só devido às necessidades de guerra, como também ao desejo de ver transplantados para o Brasil, os ideais norte-americanos de *state building* (COOKE, 1947: 277-285).

Em relação ao *american state building*, a análise de Stephen Skowroneck em relação a organização administrativa norte-americana que mostra que, nos Estados Unidos, a expansão administrativa ocorreu por volta da virada do século XX e foi uma resposta à industrialização. Para ele, a construção de um aparato burocrático apareceu como a melhor forma de se manter a ordem durante o período de crescimento econômico e social pós-industrialização. A experiência americana viveu um padrão geral de desenvolvimento institucional, desenvolvimento e racionalização da administração pública.

Porém, a modernização da administração nacional não fez com que o Estado se tornasse mais eficiente, mas foi construído um Estado qualitativamente diferente. A organização estatal até a era da industrialização foi marcada pela falta de separação entre Estado e sociedade, resultado da soberania popular norte-americana criada pelos fundadores da nação. Isso deu ao Estado norte-americano um senso de democracia mas também de “ausência de estado” (*statelessness*).

O desenvolvimento do ensino agrícola no Brasil também foi parte fundamental dos projetos do OCIAA no país e da Missão Cooke. A Divisão de Agricultura foi criada a partir do estabelecimento do *Inter-american Institute of Tropical Agriculture*, em setembro de 1941(ROWLAND, 1947: 96). Ela contou com um orçamento inicial de quinhentos mil dólares, considerado alto em relação a outras divisões (a divisão educacional contou com cem mil dólares iniciais para projetos). Além disso, o próprio coordenador, da agência, Nelson Rockefeller, participou da criação do Instituto e da posterior Divisão de Agricultura. A quantia destinada a essa divisão deveria “avançar na pesquisa educacional no campo da agricultura nas Américas”, e foi realizada em oito países da América Latina, inclusive o Brasil.

De acordo com Sônia Mendonça, que analisa em artigo os programas de educação rural implementados no Brasil, o OCIAA foi a primeira instituição norte-americana a criar uma programa de assistência técnica no sentido de “aperfeiçoar as condições de saúde, educação e agricultura na América Latina” (MENDONÇA, 2006: 1-10).

Assim, o intercâmbio de professores e técnicos ligados ao ensino rural foi uma importante ferramenta, neste período, de penetração dos padrões educacionais e institucionais norte-americanos ligados ao setor agrícola e foi um dos setores que mais teve participação do Estado norte-americano e apoio financeiro.